

CAPÍTULO X - BEM AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS

Itens 1 a 8 – Perdoai, para que Deus vos perdoe. Reconciliação com os adversários. O sacrifício mais agradável a Deus.

Evangelho de Mateus, Capítulo 18, Versículos 15, 21 e 22.

“Se o teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele somente; se te ouvir, ganhaste teu irmão.

Então, aproximando-se Pedro, disse-lhe: Senhor, quantas vezes meu irmão pecará contra mim e o perdoarei? Até sete vezes?

Jesus lhe diz: Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete.”

Para melhor compreensão do nosso estudo de hoje, vamos iniciar vendo o que significa a palavra **“Misericórdia”**.

Misericórdia é uma expressão de origem latina, formada pela junção de 2 termos:

- “Miserere” – que significa ter compaixão; e
- “Cordis” – que significa coração.

Portanto, misericórdia significa "ter compaixão do coração", ou seja, ter a capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente, aproximar seus sentimentos dos sentimentos de alguém e ser solidário com as pessoas.

A misericórdia é um sentimento de fraternidade, de compreensão e de indulgência, que reflete o entendimento de que todos nos encontramos em evolução e sujeitos a erros.

Portanto, ser misericordioso é compadecer-se das misérias alheias, sejam elas materiais, morais ou espirituais.

E ser misericordioso é acima de tudo:

- relevarmos as ofensas que nos são dirigidas;
- renunciarmos a todo e qualquer propósito de vingança; e
- não guardarmos ressentimento de nenhuma espécie.

Segundo a Doutrina Espírita, a misericórdia não é passiva, ela supõe uma ação.

Somos todos carentes de misericórdia e, por isso, para recebê-la precisamos exercê-la com a família, com amigos e inimigos, com superiores e subalternos, porque “é dando que se recebe”, ou seja, o que oferecemos à vida, a vida nos restitui.

Por isso, Jesus nos ensina que devemos compreender o nosso companheiro mais problemático e causador de contrariedades, pois nós também, muitas vezes, agimos da mesma forma que esse irmão ou até mesmo pior, e também necessitamos de compreensão.

Como Espíritos ainda no começo da evolução, somos todos muito infantis em nossas atitudes morais e, por isso, muito sujeitos ao erro.

Assim, devemos ser solidários com o próximo, tolerantes com as fraquezas e imperfeições alheias, pois também precisamos de solidariedade e tolerância com os nossos erros.

Se não formos misericordiosos com nossos irmãos, também não teremos quem nos ajude a vencer os obstáculos da jornada.

Temos que nos habituar a fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem!

Aqui, mais uma vez, vemos a atuação da lei de causa e efeito, pois tudo o que fizermos de bom ou de ruim voltará para nós mesmos.

Itens 1 a 4 – Perdoai, para que Deus vos perdoe

Kardec inicia esses itens dizendo que:

“A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas.”

E Kardec prossegue nos falando que existem 2 maneiras de perdoar:

“(...) uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter;

a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar.”

Nós temos por hábito dizer que perdoamos, mas na maior parte das vezes esse “perdão” é dado por nós sob diversas condições. Quem nunca pensou ou disse:

- Perdooo, mas não quero vê-lo nunca mais!
- Perdooo, mas vou dizer-lhe umas verdades!
- Perdooo, só porque ele é um pobre coitado, um infeliz!
- Perdooo, mas não esqueço!

- Perdoo, mas Deus há de castigá-lo!

Esse tipo de perdão não é verdadeiro, porque nele não há compreensão e muito menos o esquecimento das ofensas.

Jesus nos ensinou que não há limite para o perdão!

Lembremo-nos da resposta do Cristo quando Pedro pergunta quantas vezes ele deve perdoar o irmão que pecou contra ele, se por acaso seria até 7 vezes. Jesus assim responde:

“Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete.”

Ou seja, devemos perdoar tantas vezes quantas forem necessárias! Assim, todas as vezes em que nos sentirmos ofendidos devemos perdoar!

No livro **“O Consolador”**, psicografia de Chico Xavier, é feita a seguinte pergunta a Emmanuel:

“340 – Perdão e esquecimento devem significar a mesma coisa?”

RESPOSTA: “Para a convenção do mundo, o perdão significa renunciar à vingança, sem que o ofendido precise olvidar plenamente a falta do seu irmão; entretanto, para o Espírito evangelizado, perdão e esquecimento devem caminhar juntos, embora prevaleça para todos os instantes da existência a necessidade de oração e vigilância.

Aliás, a própria lei da reencarnação nos ensina que só o esquecimento do passado pode preparar a alvorada da redenção.”

Portanto, perdão e esquecimento precisam caminhar juntos!

Quando lembramos de coisas ruins e ficamos revivendo essas coisas em nossa mente, é como se estivéssemos passando por aquela situação novamente. E, agindo assim, nos tornamos prisioneiros daqueles fatos.

Por isso, quando o perdão é verdadeiro e sincero a ofensa é esquecida. Por isso, o perdão é libertador!!!

Itens 5 e 6 – Reconciliação com os adversários.

Kardec inicia esses itens afirmando que há dois efeitos na prática do perdão e na prática do bem em geral: um **efeito moral** e um **efeito material**.

O **efeito moral** para quem dá e para quem recebe o perdão é a paz interior que, por sua vez, provoca sentimentos e emoções agradáveis. Tanto o ofensor quanto o

ofendido se sentem mais aliviados e felizes quando perdoam sinceramente um ao outro.

O **efeito material** se encontra na eliminação das vibrações negativas do ofensor e do que se sente ofendido, que são consequência da ação, dos sentimentos e dos pensamentos, igualmente negativos. O perdão reestabelece o equilíbrio energético entre as criaturas.

Por fim, Kardec nos esclarece que Jesus, ao dizer que devemos nos reconciliar com nosso adversário enquanto estamos a caminho com ele, nos ensinou que devemos buscar perdoar aqueles com que temos algum tipo de discórdia. E que esse perdão tem que ser na nossa atual existência, para evitar que ela continue no plano espiritual e se perpetue nas existências futuras, atrasando a nossa evolução espiritual.

Itens 7 e 8 – O sacrifício mais agradável a Deus

Sabemos que na época em que Jesus esteve encarnado entre nós, o povo tinha o costume de realizar sacrifícios materiais no Templo, de acordo com rituais estabelecidos pelos sacerdotes. Essa era a forma que eles entendiam que podiam agradar e louvar a Deus. Isso era uma prática muito comum!

Jesus aproveitando um costume religioso da época, deixou o ensinamento de que o sacrifício que devemos fazer, por ser o mais agradável a Deus, não é o sacrifício material, mas sim o sacrifício de eliminar o orgulho que reside dentro de nós. Por isso, ele nos ensinou que devemos nos esforçar para perdoar sempre que houver alguma ofensa, mágoa ou ressentimento.

O Espiritismo, como o Cristianismo Redivivo, vem nos lembrar esses ensinamentos de Jesus, nos chamando para o sacrifício da eliminação dos nossos vícios morais, das nossas enfermidades espirituais.

Não adianta nada nos considerarmos espíritas e, sobretudo, cristãos, se não houver o nosso real esforço em vivenciar os ensinamentos do Mestre no nosso dia a dia, a fim de que possamos vencer as nossas más inclinações e realizar a nossa reforma íntima.

Lembremos sempre que estamos encarnados na Terra para educar o nosso Espírito, desenvolvendo as qualificações divinas que estão dentro de nós e que o orgulho e o egoísmo não deixam que se manifestem!

Para finalizar, vamos ler trechos de uma mensagem de **Emmanuel**, pela psicografia de Chico Xavier, publicada no **Reformador de julho de 1975**. A mensagem se chama “Perdão e Vida”.

“Perdão é requisito essencial no erguimento da libertação e da paz. Habitamo-nos a pensar que Jesus nos teria impulsinado a desculpar “setenta vezes sete vezes” unicamente nos casos de ofensa à dignidade pessoal ou nas

ocorrências do delito culposos; entretanto, o apelo do Evangelho nos alcança em áreas muito mais extensas da vida.

Se somarmos as inquietações e sofrimentos que infligimos a nós mesmos por não perdoarmos aos entes amados pelo fato de não serem eles as pessoas que imaginávamos ou desejávamos, surpreenderemos conosco volumosa carga de ressentimentos que nada mais é senão peso morto, a impelir-nos para o fogo inútil do desespero.

(...)

Casamento, companheirismo, equipe, agrupamento e sociedade são instituições nas quais é forçoso que o verbo amar seja conjugado todos os dias.

(...)

Necessário é compreender que se todos somos capazes de auxiliar alguém, ninguém pode mudar ninguém através de atitudes compulsórias, porquanto cada criatura é uma criação original do Criador.

Aceitemos quantos convivam conosco, tais quais são, reconhecendo que, para manter a benção do amor entre nós, não nos compete exigir a sublimação alheia, e sim trabalhar incessantemente e quanto nos seja possível pela sublimação em nós.”